

OS SONHOS COMO FORMAÇÕES SOCIAIS

André Oliveira Costa ¹

Resumo

Este trabalho parte da relação entre o pensamento de Norbert Elias e a psicanálise de Sigmund Freud para refletir a respeito dos efeitos psíquicos sofridos em contextos de violência e rupturas sociais. Nessa perspectiva, utilizamos materiais oníricos cedidos anonimamente para o projeto "Inventário dos sonhos" para pensar que o sonhar torna-se um espaço de liberdade dos indivíduos quando estes se encontram em situações de anulação da singularidade e de ruptura dos laços sociais.

Palavras-chave: sonho; resistência; trauma; civilização.

DREAMS AS SOCIAL FORMATIONS

Abstract

This paper draws on the relationship between the thought of Norbert Elias and the psychoanalysis of Sigmund Freud to reflect on the psychological effects suffered in contexts of violence and social ruptures. In this perspective, we use anonymously given oneiric materials for the project "Inventory of Dreams" to think that dreaming becomes a space of freedom for individuals when they find themselves in situations of annulment of their uniqueness and rupture of social bonds.

Keywords: dream; resistance; trauma; civilization.

1. Introdução

A influência da psicanálise de Sigmund Freud na obra de Norbert Elias foi reconhecida pelo próprio sociólogo, como ele mesmo chegou a declarar em algumas entrevistas. Ao jornal *Libération*, em 5 de dezembro de 1985, ele afirma: "Sem Freud, eu não teria podido escrever o que eu escrevi. Sua teoria foi essencial para meu trabalho e todos seus conceitos (eu, Supereu, libido, etc.) são para mim muito familiares" (ELIAS, 2000, p. 92). Pouco tempo depois, em outubro de 1987, Elias deu uma entrevista para a rede de televisão alemã ZDF, publicada posteriormente no livro *Eu segui meu próprio caminho: um percurso*

¹Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com Pós-Doutorado em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades pela Universidade de São Paulo (USP). Professor visitante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Psicanalista e membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA).



pelo século. Quando perguntado sobre suas inspirações, sobre quem teria marcado seu pensamento de maneira mais decisiva, ele novamente faz referência à psicanálise freudiana:

Entre as obras individuais que exerceram uma influência sobre mim, eu só poderia dizer verdadeiramente a obra de Freud. A teoria psicanalítica de Freud teve, enquanto teoria, uma influência importante sobre meu trabalho. Eu não posso citar uma outra obra, ou um determinado livro que teria tido uma influência comparável sobre mim (ELIAS, 2016, p. 69).

Também encontramos, em uma série de entrevistas realizadas entre 1984 e 1985 para Johan Heilbron, publicadas com o título *A sociologia... quando ela é bem-feita*, um destaque para a teoria freudiana: “Eu acho que os únicos livros que me influenciaram profundamente são os livros de Freud” (ELIAS, 2014, p. 16). Por sua vez, no primeiro volume de sua obra mais conhecida, *O Processo Civilizador*, Elias escreveu:

Neste particular, dificilmente precisa ser dito, mas talvez valha a pena enfatizar explicitamente, o quanto este estudo deve às descobertas de Freud e da escola psicanalítica. As ligações são óbvias a todos os familiarizados com os escritos psicanalíticos, e não nos pareceu necessário mencioná-los em determinados exemplos, especialmente porque isto não poderia ter sido feito sem longas ressalvas (ELIAS, 1993, p. 263).

Apesar do reconhecimento do sociólogo da importância da psicanálise freudiana para o desenvolvimento de seu pensamento, devemos admitir que a relação entre o pensamento de Elias e a obra de Freud foi marcada por traços de ambiguidade. Se, por um lado, o sociólogo se voltou para os principais conceitos freudianos para, desde o início de suas pesquisas, elaborar sua tese sobre o processo civilizador, por outro lado ele não se furtou a tecer críticas à psicanálise enquanto pensamento derivado do paradigma da ciência moderna. Lembramos aqui que o último trabalho produzido por Elias, ainda em vida, foi um estudo crítico sobre alguns fundamentos sociais da psicanálise freudiana, publicado postumamente com o título *O conceito freudiano de sociedade e mais além* (2010).

Nesse sentido, na sequência da entrevista ao jornal *Libération*, Elias estabelece algumas objeções à psicanálise:

Mas Freud, durante sua vida, estudou os homens e as mulheres que viviam no final do século XIX e no início do século XX e, ao modo das ciências da natureza, ele forjou seus conceitos como se a estrutura da personalidade que ele observava era a de todos os homens humanos (ELIAS, 2000, p. 92).

Ainda na continuação desta entrevista, Elias descreve que, ao identificar certas limitações da psicanálise, era necessário “ir além de Freud”, isto é:



[...] reconhecer as transformações que afetaram o desenvolvimento da personalidade humana e pensar que em um mundo onde o saber sobre o mundo natural não era o nosso, onde os medos e ansiedades eram obsedantes, a estrutura da personalidade não pode ser aquela dos homens do século XX. Daí a necessidade de empregar outros termos e outros conceitos que aqueles de Freud para caracterizar as antigas economias psíquicas. Por exemplo, não podemos falar de um superego do homem medieval. O problema é compreender como e porque emergiu progressivamente a estrutura da personalidade que é descrita por Freud (ELIAS, 2000, p. 92).

Em outra entrevista, realizada por Johan Goudsblom, em 1970, Elias faz o seguinte comentário ao ser perguntado sobre o estatuto da teoria freudiana: "Mas a psicanálise, embora fosse um enorme avanço, tem um quadro teórico que também é um exemplo de *Zustandsreduktion*" (ELIAS, 1970, p. 137). O que Elias quer dizer é que a psicanálise se construiu como uma teoria que produz uma *redução processual* [*Zustandsreduktion*], transformando tudo aquilo que se observa como móvel e mutável a algo de imutável e eterno, pois o que se mostra como efêmero é menos importante, menos significativo e menos válido. E, quando contestado por Goudsblom de que, em *O Processo Civilizador*, ele teria se valido da psicanálise em seus sentidos teórico e dinâmico, Elias responde: "Sim, mas a psicanálise muitas vezes procede como se, por exemplo, as estruturas do superego fossem imutáveis", e conclui: "Não há nenhuma maneira proveitosa para promover o desenvolvimento da teoria psicanalítica, exceto pela colaboração interdisciplinar" (ELIAS, 1970, p. 137).

Algumas das críticas de Elias à psicanálise afirmam que a teoria do inconsciente permanece sustentando a antinomia entre indivíduo e sociedade, fazendo referência ao valor universal e a-histórico de um determinado tipo de estrutura de personalidade. Como resultado, Freud não teria considerado as transformações e as mudanças a longo prazo das estruturas sociais e seus efeitos sobre a formação das estruturas psíquicas. Ao identificar os limites da psicanálise, Elias quis ir além de Freud para melhor reconhecer as transformações que afetaram o desenvolvimento da personalidade humana. Para Elias, a economia psíquica tinha que ser apreendida historicamente conformes as transformações sociais, de modo que a psicogênese estivesse intimamente relacionada com a sociogênese.

Diante dessas considerações, podemos dizer que a balança que pesa a influência da obra de Sigmund Freud no pensamento de Norbert Elias varia entre os termos "envolvimento" e "alienação", tal como Elias apresentou em sua obra *Envolvimento e alienação* (1998). Esses conceitos servem como operadores metodológicos para compreender os movimentos de aproximação e afastamento de Elias ao pensamento de Freud. Por "envolvimento", consideramos o compromisso e a implicação do pesquisador com seu objeto de estudo e análise. Sua direção lança os interesses do indivíduo à apropriação de um determinado tema, sustentando o enredamento do desejo de Elias sobre o pensamento de Freud. Por "alienação", entendemos o afastamento de concepções padronizadas e das emoções implicadas nos fatos, para melhor conhecê-los, sem deixar-se

afetar por promessas utópicas e conclusões idealizadas. A alienação é o movimento que permite Norbert Elias ir além da obra de Sigmund Freud, revendo seus conceitos fundamentais e produzindo conhecimentos inéditos e inovadores.

2. O sonho como formações sociais

Sem adentrar nos pormenores das ideias de Freud, podemos afirmar que textos como *Totem e tabu* (1913), *Além do princípio do prazer* (1920), *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), *Mal-estar na cultura* (1930) e *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1938) são obras que, no objetivo de ultrapassar o dualismo entre indivíduo e sociedade, pensam o desenvolvimento e as transformações das estruturas psíquicas em imbricação com as mudanças nas estruturas sociais. Eles estão de tal forma implicados que, por meio desses trabalhos, também podemos concluir que as instituições sociais se estruturam a partir de processos inconscientes, produzindo sintomas seguindo os processos das formações do inconsciente individuais, a saber, os sonhos, os atos falhos, os sintomas e os chistes. Para o psicanalista, as formações sociais, como a família, a sociedade e o Estado, carregam consigo as ambivalências pulsionais de amor e ódio, cujas forças conduzem aos processos de ligação e de destruição. Conservando restos inconscientes que foram transferidos para os bastidores da vida psíquica pelo processo de recalçamento, os sintomas dos indivíduos ressurgem manifestando o mal-estar de uma sociedade. Assim, pode-se dizer que tanto para Elias quanto para Freud, indivíduo e sociedade são duas faces de uma mesma moeda.

As investigações de Freud em relação à psique humana colocaram em evidência a natureza processual do desenvolvimento da criança, interiorizando regras de comportamento através da formação de instâncias psíquicas como o Eu, o Id e o Supereu. Por sua vez, a teoria do processo civilizador, baseando-se nas proposições da psicanálise, buscou compreender por que e como, de acordo com as diferentes épocas e sociedades, os indivíduos se constituem em grupos, formando diferentes imagens, que permitem que um indivíduo se denomine de "eu" e de "nós" e atribua ao outro as imagens de "ele" e "eles". Norbert Elias destaca a função dos pronomes pessoais como determinantes do lugar de fala dos indivíduos ao longo dos processos civilizadores. Em suas palavras: "Somos levados a acreditar que o nosso 'eu' existe de certo modo 'dentro' de nós; e que há uma barreira invisível separando aquilo que está 'dentro' daquilo que está 'fora' – o chamado 'mundo exterior'" (ELIAS, 2008, p. 129).

Elias aponta, em *Introdução à sociologia*, que devemos pensar o problema da formação das identidades conforme os modelos dos pronomes pessoais, segundo o qual não é possível haver "eu" sem os "tu", "ele", "nós", "vocês" e "eles": "O sentido que cada um tem de sua identidade está estreitamente relacionado com as 'relações de nós' e de 'eles' no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos por 'nós' e 'eles'.". (ELIAS, 2008, p. 139). Assim, nos remetemos ao trabalho *Mudanças na balança Nós-Eu*, onde Elias analisa a variação das perspectivas da *identidade-nós* e da

identidade-eu nos processos históricos e sociais em longa duração. A identidade diz respeito àquilo que responde à pergunta: “Quem sou eu?”, enquanto ser social e individual. No mundo antigo, como nos Estados grego e romano, a *identidade-nós* desempenhava um papel muito mais importante do que a *identidade-eu*, ou seja, a coletividade predominava sobre a individualidade, de modo que não se poderia nem mesmo pensar em indivíduo sem considerar sua relação com o Estado. Essa relação veio a ser invertida, segundo Elias, durante o Renascimento, quando o homem recebeu uma posição central na racionalidade da época e as pessoas passaram a se relacionar umas com as outras desde suas singularidades como indivíduos autônomos, centrados em si mesmos e isolados uns dos outros. Porém, a identidade não é estática, mas processual. Em uma análise a longo prazo, é possível verificar que o processo civilizador está direcionado a uma maior individualização ao mesmo tempo que as redes de relações se tornam mais complexas. A direção da balança entre a *identidade-nós* e a *identidade-eu* pende, portanto, fortemente para esta última. De unidades sociais menos diferenciadas a unidades sociais maiores e mais complexas.

A mudança da balança da *identidade-nós* para a *identidade-eu*, contudo, não retira a função da coletividade na formação dos indivíduos: “Não há identidade-eu sem identidade-nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, o padrão da relação eu-nós” (1994, p. 152). O que se coloca em questão, portanto, é o aumento da margem de identificação. Ampliam-se as possibilidades de identificação entre indivíduos mais diferenciados, de modo que se torna possível estabelecer laços de identificações entre indivíduos cada vez mais estranhos uns aos outros. “Em sociedades menos diferenciadas”, afirma Elias, “talvez o *habitus* social tivesse uma camada única. Nas sociedades mais complexas, tem muitas” (1994, p. 152). Nesse sentido, o conceito de hábito vem contribuir com a composição social dos indivíduos, em que é possível identificar um estilo singular na escrita social. Dentre essas camadas, destaca-se a identificação do indivíduo com o Estado, que se expressa como *habitus nacional* pela língua, por sentimentos de amor ao país, pela condição morais e éticas que formam seus cidadãos, pelos grandes feitos e pelas grandes derrotas que marcam a história de uma nação. A imagem que cada pessoa faz de si está imbricada com a imagem que ela faz do grupo ao qual pertence.

A tradição de um grupo exige a manutenção de um certo grau de coesão e estabilidade, que se volta aos indivíduos na forma de regras e obrigações para adequar seus comportamentos e seus afetos, para não permitir desvios do que se é esperado por todos os membros do grupo. Surgem então mecanismos reguladores do “nós”, que vão se transformando em autorregulações e que vão construindo hábitos em cada um dos participantes. A direção das transformações sociais caminha das coerções externas às autocerções. Dessa forma, a balança entre a *identidade-nós* e a *identidade-eu* pende fortemente para a *identidade-eu*.

O processo de formação dos Estados possibilitou o desenvolvimento da diferenciação dos indivíduos dentro de uma organização na qual todos deveriam estar regulados pelos mesmos direitos. Contudo, nos Estados ditatoriais, afirma

Elias, a possibilidade de individualização de cada um torna-se restrita. Diz Elias: “Especialmente na vida pública, o controle externo supera amplamente o autocontrole do indivíduo, que, muitas vezes, é jogado de volta na esfera privada” (1987/1994, p. 149). Com o monopólio da informação, da educação, dos direitos de associação e de reunião, o espaço de liberdade diminui ou é completamente invadido pelo próprio Estado. Inversamente, então, a balança entre a *identidade-eu* e a *identidade-nós* pende para a *identidade-nós*.

Em seu livro *Os Alemães*, publicado em 1989, pouco antes da queda do muro de Berlim e do fim da guerra fria, que dividia o mundo em dois pólos político-econômicos opostos e rivais, Elias retoma a relação entre a *imagem do eu* e *imagem do nós* para compreender os efeitos no desenvolvimento da economia psíquica do povo alemão durante o processo de formação da Alemanha, que se deu tardiamente em relação a outros Estados europeus e sempre sob ameaça de declínios, rupturas e perdas ao longo de guerras seculares. Como vimos, para Elias, um indivíduo nunca está isolado das relações sociais. A imagem que ele constrói de si próprio se articula com a imagem do grupo social no qual ele está inserido, seja esse coletivo uma classe social, uma instituição social, uma religião, uma etnia ou uma nação. Elias afirma: “É uma das características mais elementares dos seres humanos não possuírem somente uma imagem de si mesmos como pessoas individuais que podem dizer *eu* mas também uma imagem de si mesmos como membros de grupos em relação aos quais podem dizer *nós*” (ELIAS, 1997, p. 316). Sejam britânicos, franceses, alemães ou brasileiros, todos os cidadãos de um país assimilam modos particulares de se comportarem de acordo com os códigos de conduta a partir dos quais eles podem se reconhecer como semelhantes aos seus conterrâneos. Elias prossegue:

[...] mesmo em sociedades altamente individualizadas, imagens de grupos “nós”, como a nação, pertencem à auto-imagem de indivíduos e que, ao mesmo tempo, a estrutura da personalidade de qualquer indivíduo representa uma das inúmeras variações sobre um padrão nacional comum (1997, p. 316).

O processo civilizador tem como efeito a regulação da economia psíquica através da formação de mecanismos de autocontrole dos comportamentos, das pulsões e dos afetos. O compartilhamento coletivo da vida de cada pessoa vai sendo pouco a pouco deslocado para trás da cortina da consciência. Uma parede invisível termina por ser construída entre espaço público e espaço privado, entre indivíduo e sociedade, entre barbárie e civilização. Tudo o que tem a ver com o corpo e suas funções, que em determinada época era compartilhado socialmente ou sofria pouco controle, vai sendo transferido para o âmbito da vida privada, escondido do alcance dos olhos de todos e até mesmo do olhar do próprio indivíduo.

Em estruturas sociais nas quais os laços são menos complexos e mais indiferenciados, os indivíduos agem de maneira mais espontânea e, por isso, não precisam criar respostas neuróticas para os conflitos com a sociedade. Por outro lado, em formações sociais mais complexas e mais diferenciadas, os laços

sociais induzem a formação de sintomas psicológicos individuais para buscar a resolução da antinomia entre indivíduo e sociedade. “É bem possível que sempre tenham havido neuroses”, escreveu Elias em *O Processo Civilizador*. “Mas as ‘neuroses’ que vemos hoje por toda a parte são uma forma histórica específica de conflito que precisa de uma elucidação psicogenética e sociogenética” (ELIAS, 1993, p. 153).

Se Freud mostrou que os indivíduos revelam suas neuroses através da formação de sintomas e de sonhos, Norbert Elias foi além e demonstrou histórica e socialmente que também os hábitos e os costumes inscrevem – inconscientemente, sem que se saiba – os lugares singulares que os indivíduos ocupam dentro dos grupos sociais onde nascem e dos quais fazem parte. Os sintomas e os sonhos articulam a singularidade de cada indivíduo dentro de uma estruturação psíquica que compõe sua época e seu lugar. Para Elias, os hábitos são o solo de onde brotam as características pessoais de um indivíduo e eles diferenciam os indivíduos dos demais membros da sociedade. Os hábitos são, nas palavras do sociólogo, “um estilo mais ou menos individual, algo que poderia ser chamado de grafia individual inconfundível que brota da escrita social” (ELIAS, 1994, p. 150). Sabemos de nossos hábitos, mas não sabemos o que eles transmitem e não sabemos por que repetimos nossos hábitos, assim como sabemos de nossos sonhos e de nossos sintomas, mas não sabemos o que eles nos dizem e porque os repetimos.

A teoria dos sonhos foi a pedra angular de Sigmund Freud para o descobrimento da lógica dos processos psíquicos inconscientes. Através da análise de seus próprios sonhos, Freud sustentou, em *A interpretação dos sonhos* (2013), uma das primeiras formulações da teoria psicanalítica, a saber, bem como os sonhos, o sistema psíquico funciona buscando a satisfação de seus desejos. Este trabalho possibilitou uma das primeiras elaborações do aparelho psíquico, fundando a primeira tópica freudiana, seus processos dinâmicos e econômicos bem como os fundamentos da clínica psicanalítica ao indicar os caminhos das formações e das expressões do inconsciente. A interpretação sobre o trabalho de elaboração onírica revela desejos impossíveis que só podem ser pensados de forma distorcida.

Quando a realização de desejo é irreconhecível, quando é disfarçada, deve ter havido uma tendência à defesa contra esse desejo e, em consequência dela, o desejo não poderia se manifestar de outra forma a não ser distorcido. Quero buscar na vida social o equivalente desse processo da vida psíquica interior. Onde encontramos na vida social uma distorção semelhante de um ato psíquico? Apenas ali onde se tratar de duas pessoas das quais uma possui um certo poder e a outra precisa levar esse poder em consideração. Essa segunda pessoa passa a distorcer seus atos psíquicos, ou, como também podemos dizer, ela *dissimula*. A cortesia que pratico todos os dias é em boa medida uma dissimulação desse tipo (FREUD, 2013, p. 163).

Nessa perspectiva, a análise que Freud realiza de seus próprios sonhos se volta aos processos individuais ao identificar nas formações oníricas a

representação singular do desejo de cada indivíduo. A pesquisa sobre os sonhos, tal como Freud pensou, aponta para analogias com hábitos da vida cotidiana que, conforme Elias veio a desenvolver em suas investigações, representam modos de ser coagidos à dissimulação.

A regra geral de que todos os sonhos são realizações de desejos inconscientes, quer se manifestem de forma disfarçada ou não, teve que ser revista pelo próprio Freud (2020) ao identificar que o impacto de certas experiências causava interferências no trabalho de elaboração dos sonhos que fugiam à regra amplamente difundida que o sistema psíquico é conduzido essencialmente pelo princípio do prazer. Ao contrário do que havia concluído em 1900 – a saber, que o sonho é o guardião do sono, na medida em que serve de proteção ao despertar, permitindo que o desejo inconsciente se realize mesmo que oniricamente e de forma distorcida –, a partir de 1914, Freud começou a receber em seu consultório pacientes que retornavam da Primeira Guerra Mundial impactados por experiências de violência decorrentes dos horrores dos campos de batalha e elaborando sonhos de cenas traumáticas que se repetiam de forma compulsiva.

O reconhecimento dos impactos de experiências de extrema carga emocional na formação de sonhos traumáticos e das neuroses de guerra conduziu a teoria psicanalítica a um novo patamar no que diz respeito à compreensão da relação entre indivíduo e sociedade, entre as estruturas psíquicas e as estruturas sociais. Apenas através do trabalho clínico Freud pode concluir, em 1921, que “a oposição entre psicologia individual e psicologia social ou das massas, que pode parecer muito importante à primeira vista, perde muito de sua nitidez se examinada a fundo” e “(...) a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social” (2011, p. 137). Os sonhos deixam de ser expressões individuais para serem compreendidos marcas individuais em experiências coletivas.

A partir dos sonhos traumáticos, não era mais a serviço do princípio do prazer que os sonhos conduziam o paciente a retornar à cena do trauma, visto que este nunca havia produzido nenhuma sensação de prazer. Conforme Freud, os sonhos traumáticos ajudam a executar a uma outra tarefa:

Mas os sonhos dos neuróticos acidentários, que mencionamos anteriormente, não se deixam mais remeter ao ponto de vista da realização de desejo, tampouco os sonhos que ocorrem nas análises, que nos trazem de volta a lembrança dos traumas psíquicos da infância. Eles obedecem muito mais à compulsão à repetição que, na análise, encontra seu apoio – no desejo incentivado pela sugestão – de evocar o esquecido e o recalçado (FREUD, 2020, p. 121).

O aparelho psíquico, a partir desse momento da teoria freudiana, já não se encontrava mais unicamente à serviço do princípio do prazer, mas também era orientado por uma força que o conduzia não ao desprazer – na medida em que este é visto como um excesso de excitação sexual acumulada pelo sistema psíquico que não foi descarregada para o mundo externo – mas à uma força

conservadora que tende à repetição, buscando alcançar uma antiga condição do indivíduo. Esse impulso conduz o sistema psíquico para “um estado antigo, um estado inicial que o ser vivo um dia abandonou e ao qual ele anseia retornar através de todos os desvios do desenvolvimento” (FREUD, 2020, p. 135). É por isso que Freud afirma que a compulsão à repetição dos sonhos traumáticos, conduzida pela pulsão de morte, não leva o indivíduo à autodestruição ou à anulação de sua própria vida, mas à morte enquanto condição final natural da vida. Reviver a cena traumática é repeti-la e elaborá-la infinitamente para não permitir o colapso do sistema psíquico diante do excesso de carga afetiva produzida durante o trauma. O objetivo de toda a vida é a morte, afirma o psicanalista. O que se busca é uma garantia que o ser vivo seguirá seu próprio caminho para a morte, afastando-se de todas as condições que o conduzem ao desaparecimento que não sejam imanentes ao seu próprio organismo. Freud, então, pode concluir que a pulsão de morte conduz cenas traumáticas repetidas em sonhos para elaborar o insuportável de uma realidade dentro de uma realidade possível.

A pulsão de morte conserva a vida contra todos os perigos e influências que poderiam prejudicar seu caminho em direção à morte que se dá à sua maneira. A morte é a finalidade da vida: “Se nós mesmos já temos de morrer e antes disso perder para a morte nossos entes mais queridos, é preferível que sejamos submetidos à uma lei implacável da natureza, à soberba *Ανάγκη* [necessidade], do que a um acaso que poderia ter sido evitado” (FREUD, 2020, p. 139). Pouco tempo depois, o que, para Freud, resultava de uma situação traumática causada pela experiência em situações de extrema violência acaba por ser considerada, em *Inibição, sintoma e angústia* (2012), uma condição primordial do desenvolvimento dos indivíduos, na medida em que coloca em questão os limites de sua dependência sobre outros indivíduos desde seu nascimento.

A angústia, enquanto expressão de afeto, é provocada por situações nas quais os indivíduos sentem-se ameaçados diante de perigos, externos ou internos, em que foram produzidas cargas afetivas muito fortes para serem lidadas pelo sistema psíquico, tornando-se, portanto, situações traumáticas. Na medida em que ela aparece na forma de sinal, a angústia torna-se um dispositivo do Eu para anunciar situações de perigo e com isso, proteger-se da reprodução de alguma angústia traumática vivida anteriormente. Acompanhamos a explicação de Freud:

Tomando a sequência “angústia-perigo-desamparo (trauma)”, podemos agora fazer o seguinte resumo. A situação de perigo é a reconhecida, recordada, esperada situação de desamparo. A angústia é a original reação ao desamparo no trauma, que depois é reproduzida na situação de perigo como sinal para ajuda. O Eu, que viveu passivamente o trauma, repete ativamente uma reprodução atenuada do mesmo, na esperança de poder ele próprio dirigir seu curso. [...] Seguem-se depois os deslocamentos do perigo para a condição para o perigo, a perda do objeto e as já mencionadas modificações dessa perda (FREUD, 2012, p. 116-117).

O que se encontra como fundamento da situação traumática no indivíduo é a perda de sua proteção diante de um perigo, deixando-o vulnerável para lidar com o acúmulo de excitação produzida. Essa perda representa a ausência de alguém que ocuparia essa função protetiva e que se desloca para o sentimento de perda do amor desses representantes. A perda do objeto protetivo ou a perda do amor desse objeto tornam-se, ao fim e ao cabo, situações equivalentes ao levarem o indivíduo a se encontrar com sua condição de desamparo primordial, a se sentirem desprotegidos. Nas palavras de Freud (2012):

Devido à sua incompreensão, a situação em que ele [o bebê] sente falta da mãe não é, para ele, uma situação de perigo, mas sim traumática – ou melhor, é traumática se nesse instante ele tem uma necessidade que a mãe deveria satisfazer; transforma-se em situação de perigo se tal necessidade não é atual. Portanto, a primeira condição para a angústia, que o próprio Eu introduz, é a perda da percepção [do objeto], que é equiparada à perda do objeto. Uma perda do amor ainda não entra em consideração. Mais tarde, a experiência ensina à criança que o objeto pode continuar existindo, mas estar zangado com ela, e então a perda do amor do objeto torna-se um novo, bem mais persistente perigo e condição de angústia (pp. 120-121).

São vários os eventos que Freud alinha com condição de perder o objeto protetivo, tornando-se desamparado frente aos perigos externos e internos e, assim, precipitando situações traumáticas ao longo da vida: o nascimento, a perda da mãe como um objeto, o medo da castração, a perda do amor do objeto, a perda do amor do Supereu. Todas essas são condições que provocam o desamparo e, em situações de risco, provocam sinais de angústia, mexendo com as experiências traumáticas nas quais todos os indivíduos enfrentam durante seu desenvolvimento. Nesse sentido, o trauma se coloca como uma situação em que todos viveram, de alguma ou outra maneira, de perda de quem protege e ampara.

Situações traumáticas de origem social também podem provocar a lembrança inconsciente das experiências traumáticas individuais, de forma que os limites entre um e outro, entre social e psíquico, entre subjetivo e político, entre indivíduo e sociedade, acaba por desaparecer. Podemos encontrar, nas pesquisas da jornalista Charlotte Beradt com os sonhos de pessoas que viveram o início da ascensão do nacional-socialismo e anteciparam os horrores da Segunda Guerra Mundial, entre os anos 1933 e 1939, publicadas no livro *Sonhos no Terceiro Reich*, exemplos contundentes de sonhos de qual indivíduos assujeitados às experiências de um Estado totalitário, a perseguições e discriminações.

Conforme a jornalista Charlotte Beradt, os sonhos podem expressar tanto o alinhamento e a adaptação ao totalitarismo, onde o indivíduo se apaga no coletivo, mas também pode expressar espaço de criação e de resistência. É possível encontrar nos sonhos dos indivíduos formas de resistência contra o empuxo da totalização. No contexto de sonhos produzidos durante o Estado

nazista, “em uma atmosfera da indiferença total, que é produzida pela coerção e sufoca o espaço público” (BERADT, 2017, p. 48), os sonhos refletem a posição do indivíduo na esfera pública através dos elementos de sua vida cotidiana.

Atualmente, se não vivemos tempos totalitários, como historicamente presenciamos em épocas não tão remotas, vivemos tempos de rupturas democráticas, de violências sociais contra grupos minoritários, de destruição climática pela destruição de nossas florestas. Tempos de pandemias, de descaso com ciência e com as universidades. Tempos de negacionismo e de *Fake News*, quando o presidente do país se presta a falar dos efeitos colaterais do uso de máscaras, a partir de fontes de pesquisas desconhecidas, no mesmo momento em que se atinge a maior marca de mortes diárias (1541 pessoas). Estamos marcados por angústias e medos cotidianos. Por incertezas sobre nosso futuro e por descrédito em nossos políticos, que ao invés de nos cuidar e de nos proteger, nos ameaçam com a retiradas de nossos direitos mais fundamentais. Intolerâncias do governo, reduções de liberdades, perda do valor da palavra são marcas que indicam proximidades com políticas que provocam rupturas sociais e traumas psicológicos.

Diante deste cenário, junto a um grupo de sete psicanalistas brasileiros, coletamos desde o início da pandemia no Brasil, em março de 2020, mais de 1.200 sonhos sonhados pelas mais diversas pessoas em todo o país, de todos os gêneros e idades, em um projeto intitulado “Inventário dos sonhos”. Sabemos que a interpretação dos sonhos foram a porta de entrada de Freud ao inconsciente. Os sonhos em tempos de pandemia, nesse sentido, possibilitam pesquisar a anatomia da sociedade, adentrando no corpo social e nos processos que produzem, conjugadas, respostas sintomáticas individuais e coletivas.

É importante considerarmos, nesse momento, as ressalvas e colocações que o psicanalista Jean-Bertrand Pontalis aponta em seu texto “Entre o sonho-objeto e o texto-sonho”, publicado no livro *Entre o sonho e a dor*. Suas ressalvas dizem respeito ao acesso ao conteúdo onírico. O psicanalista afirma que, assim que o sonho passa da colocação em imagens para colocação em palavras, uma perda se opera, limitando o acesso aos seus sentidos. Isso, porém, não fala somente sobre o objeto do sonho enquanto tal, mas também sobre sua função. O sonhar e o sonhador têm uma relação de cumplicidade, de intimidade e de solidariedade que faz com que a transmissão do conteúdo onírico seja sempre, no final das contas, lacunar, tal como diria um paciente seu:

Você deve saber e tenho certeza de que sabe, que sou para sempre inadequado a esse sonho, a esse corpo que deixo você entrever; é seu o poder de interpretá-lo, de penetrar nele; mas é meu o raro prazer, posto que jamais satisfeito e sempre mantido, de entrever essa totalidade que você jamais apreenderá (PONTALIS, 2015, p. 41).

A mensagem de um sonho, portanto, nunca é entregue completamente ao seu destinatário. E, mais ainda, devemos estar atentos a isso, quando, no desenvolvimento de nossas pesquisas, acessamos os sonhos de pessoas que nos

endereçaram sonhos de forma espontânea e anônima, mas sobretudo porque, como sonhos, eles trazem consigo o que lhes é mais íntimo. Prossegue Pontalis:

Minha hipótese seria de que todos sonho, enquanto objeto na análise, faz referência ao corpo materno. [...] Sonhar, é antes de mais nada, tentar manter a impossível união com a mãe, preservar uma totalidade indivisa, *mover-se num espaço anterior ao tempo*. É por isso que certos pacientes pedem implicitamente que não nos aproximemos demais de seus sonhos, que não toquemos e não trituremos o corpo do sonho, que não desarticulemos a “representação de coisa” em “representação de palavra”. Um deles me dizia: “Este sonho mais me agrada do que me interessa. É como um quadro feito de pedaços, uma montagem”. (PONTALIS, 2015, p. 41).

O sonho e o sonhar, desse modo, acompanhando Freud e Pontalis, tornam-se uma espécie de ligação ou religação com um outro cuja função é dar corpo e lugar ao indivíduo, restituindo para ele um território seguro, a sensação de pertencimento a um corpo outro, e dar as condições ao sonhador para suportar ser separado daquilo que lhe é mais fundamental. “A ilusão que o sonho sonhado nos dá é a de poder chegar a esse lugar mítico onde nada seria disjunto”, afirma Pontalis (2015, p. 52). É pelo sonhar que o indivíduo se liga ao outro, é pelo sonhar que ele nunca vai se sentir só, desamparado ainda que na presença de alguém. Trazemos o relato de três sonhos recolhidos pelo projeto “Inventário dos sonhos”¹ para pensarmos os sonhos como espaços de criação e de abertura do indivíduo à pluralidade e à singularidade, em um tempo em que a política é a da desumanização do outro, da banalização da morte, do apagamento da diferença, de perda do poder da palavra e da função da discussão pública. Nesse sentido, ainda em *Os Alemães*, Norbert Elias afirma que sociedades que não dão lugar às formas multipartidárias que legitimam as contradições, as divergências, os conflitos e os confrontos entre as pessoas ou grupos de pessoas tendem a se tornarem sociedades absolutistas ou ditatoriais. Afirma Elias:

Em qualquer sociedade que possamos desejar, como naquela que temos agora, a tarefa não é eliminar conflitos – isso é um empreendimento fútil – mas, pelo contrário, regulá-los, submeter as táticas e estratégias do conflito a regras – regras que nunca podem ser aceitas como finais. Essas regras conservam a tensão dos conflitos em nível médio, como um fogo que não deve ser nem quente demais, ao ponto de consumir-se e de consumir tudo à sua volta, nem fraco demais, de modo que não forneça calor nem luz (1997, p. 263).

¹O projeto de pesquisa « Inventário de sonhos » é composto por André Oliveira Costa, Caroline Mortagua, Denise Mamede, Edson Luiz Andre de Sousa, Luciano Bregalanti, Joana Horst e Paulo Cesar Endo, começou a recolher sonhos anonimamente desde março de 2020 através da plataforma <https://pt.surveymonkey.com/r/NVYNH5K> e no momento conta com mais de 1.200 sonhos. Os materiais coletados serão disponibilizados para acesso público pelo Museu das Memórias (*In*)possíveis, do Instituto APPOA, e pelo Museu da Pessoa. Os sonhos apresentados nesse trabalho são materiais de pesquisa inéditos.

Seguindo as ideias de Elias, um Estado que anula o conflito e a possibilidade da divergência política e um Estado que incendeia as discussões a ponto de não conseguir controlar suas chamadas produzem divergências entre os indivíduos e as instituições a tal ponto que podem levar à formação de rupturas sociais e à destruição dos elementos que permitem a coesão social entre os indivíduos. Quando o peso da própria realidade se torna insuportável, a verdade se liberta nas formas de resistência do sonhar, antecipando, em alguns momentos, o pesadelo da própria realidade por vir. Os sonhos, mais do que leituras de inconscientes individuais, nos apresentam o inconsciente da sociedade, sustentando a possibilidade de reler as bases conceituais de Freud desde Norbert Elias.

O primeiro sonho, relatado por uma mulher de 38 anos e sonhado poucos dias depois que o presidente Jair Bolsonaro desacreditava o potencial mortífero do coronavírus ao declarar à imprensa que “para 90% da população, isso vai ser uma gripezinha ou nada.” No dia 8 de abril, o Brasil registrava o total de 822 mortes e tínhamos o seguinte relato de sonho:

Voltava para casa e no caminho o carro que dirigia estragou. Abandonei o carro e segui caminhando, descobrindo um caminho alternativo que atravessava parte do terreno de uma indústria que chamam de usina. No caminho encontro grupos de animais mortos. Ao me aproximar da casa, vejo duas pessoas ajoelhadas rezando em frente a minha casa. Penso que são meus vizinhos, não saberei como agir em relação a eles. Da rua percebo que meu companheiro havia feito mudanças na casa, pintura no quarto, plantas penduradas do lado de fora. A casa está mais próxima da rua e mais exposta, sendo possível ver da rua o interior da casa. (INVENTÁRIO, 2020).

A análise de um sonho não deve renunciar às associações que o sonhador produz a respeito do material onírico. No caso deste sonho, sua interpretação se anuncia nos desdobramentos das associações da própria sonhadora: “Penso que o sonho traz o assombro com a imagem das pessoas rezando ajoelhadas nas calçadas e a dificuldade de entender quem é o sujeito que está ali ajoelhado, pois ao chegar em casa essas pessoas eram como pedras, não tinha como falar com elas. O local por onde volto caminhando é uma indústria do ramo alimentício que tem trabalhadores distribuídos em turnos que cobrem as 24 horas do dia, então é um lugar que nunca para, um símbolo de “produção”. Associei também usina, com a usina nuclear, que com o desastre em Chernobyl produziu um tipo de adoecimento e sofrimento que foi negado e desacreditado por algum tempo. E a questão da casa estar visível da rua talvez diga de uma vida que, ainda que se passe mais dentro da casa, nunca esteve tão vigiada/monitorada.” (INVENTÁRIO, 2020).

O desvio de um carro-governo, que quebra no meio do caminho, leva a sonhadora a trilhar e a rever suas direções. O descaso com a natureza na morte

de animais. A distância com os vizinhos, que rezam como estátuas inacessíveis sem que se saiba quem são. Os efeitos de uma vida dedicada ao trabalho e à produção que nunca para, alienando os indivíduos de suas próprias existências. Um vírus mortífero que mostra que sua radioatividade, como em Chernobyl, é mais do que um desastre natural, mas produto da negação e da destruição desse desgoverno, que produz doenças, sofrimentos e mortes. Um desgoverno que invade, anula e destrói casas e vidas de pessoas que recusam a serem indiferentes a ele.

O segundo sonho que trago para pensar os efeitos de ruptura da relação entre indivíduo e sociedade, quando o Estado atropela os indivíduos com sua necropolítica, instituindo a banalização da morte, aconteceu no dia 23 de maio, quando o Brasil contava com 22.165 mortes. Uma mulher com 48 anos de idade sonhou:

Sonhei que tinha uma loja de doces. Que eram feitos com carne humana. Eu vendia muito. E doava também. E falei pro meu primo que ia abaixar o preço pela metade. Ele disse... não é hora de baixar. Vc tem muitos clientes que pagam sem reclamar. Era normal o fato de ser feito com carne humana... acordei chocada. Principalmente pq fazia uma semana mais ou menos q tenho sonhado vários sonhos sempre dando comida a alguém. (INVENTÁRIO, 2020).

Parodiando a cantora Elza Soares, no Brasil, quando afirma em sua música A carne: "a carne mais barata do mercado é a carne negra" (2002), podemos reler através do sonho o descaso com o corpo e as vidas humanas: "a carne mais barata do mercado é a carne humana". E se for negra, pobre, de periferia ou indígena, ainda mais barata, conforme a indicação de pesquisas que mostram maior número de morte por COVID-19 ocorre nessas populações. O valor do doce de carne humana cai pela metade quando a abertura do mercado duplica o número de mortes.

O sonho é o guardião do sono, pois é através dele que conseguimos ultrapassar as possibilidades de elaboração da consciência. Sonhar é uma forma de cuidar de nossa saúde mental. Sonhar é criar possibilidades, é escapar das opressões, construir futuros, abrir saídas. O sonho traz o testemunho de um trauma e repete disfarçadamente a situação traumática da dor. Assim também acontece com as crianças. Para finalizar, o relato de um sonho de um menino de 3 anos de idade: "Fui para a escola sozinho a pé, sem a mamãe e cheguei na escola chorando e com a mochila de carrinhos, a professora estava na porta da escola e os amiguinhos estavam chegando." (INVENTÁRIO, 2020)

A insegurança de um tempo no qual não nos sentimos protegidos aparece no choro da criança que, sem sua mãe, vai para a escola sozinho, mas é recebido pela professora ao mesmo tempo que chegam os amigos. A saudade de ir para a escola, rever sua professora e seus amigos enfrenta o peso de estarmos sozinhos e desprotegidos. O sonho revive lembranças que talvez nunca

aconteceram, com a esperança de que o pesadelo da realidade se torne uma realidade sonhada.

5. Considerações finais

As pesquisas de Norbert Elias sobre o processo civilizador aderem a uma metodologia próxima ao método clínico da psicanálise de investigação dos sintomas psíquicos. Elas se voltam para temas que não se mostram de forma evidente aos olhos de qualquer pesquisador, já que, em princípio, não seriam dignos de interesse científico. Não se preocupam com grandes revoluções históricas e sociais, mas com pequenas mudanças ordinárias. Não dão destaques para grandes teorias sociológicas e filosóficas, mas para manuais de etiqueta, livros de literatura e de poesia, para os acontecimentos da vida cotidiana de tempos passados ou da atualidade. Não se reduzem à discussão de conceitos e ideias, mas se voltam para os hábitos dos indivíduos e das sociedades. O envolvimento de Elias com a teoria freudiana, contudo, não é fácil de precisar. Onde Freud buscava compreender os mistérios da formação das estruturas psíquicas dos indivíduos investigando os destinos das pulsões, Elias buscava compreender os mistérios das regulações sociais dos afetos e das pulsões no processo de formação das diferentes sociedades ao longo dos séculos.

De qualquer forma, o diálogo entre as teorias de Norbert Elias e de Sigmund Freud nos permitem buscar elementos para pensar articulações entre os espaços individuais e os espaços coletivos, inscrevendo como espaço comum os hábitos, conforme descritos pelo sociólogo, bem como os sonhos e os sintomas, de acordo com o psicanalista. Hábitos e sonhos são formações singulares capazes de testemunhar e manifestar os processos inconscientes que levam às formações das estruturas sociais. Escutar os sonhos, portanto, é também analisar as verdades de sua época, os medos e os sofrimentos, os traumas e as rupturas vividas pelos indivíduos que formam e pertencem à mesma coletividade. Assim, concluímos com a pergunta do escritor russo Fiodor Dostoievski, em *O sonho de um homem ridículo*: “Mas é completamente indiferente que fosse um sonho ou não fosse, uma vez que este sonho me tivesse revelado a Verdade?” (2017, p. 102)

REFERÊNCIAS

BERADT, Charlotte. **Sonhos no terceiro Reich**. São Paulo: Três Estrelas, 2017.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. Sonhos de um homem ridículo. In: **Dois narrativas fantásticas: A dócil e Sonhos de um homem ridículo**. São Paulo: Editora 34, 2017.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.



ELIAS, Norbert. Mudanças na Balança Nós-Eu. In: **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ELIAS, Norbert. Norbert Elias ou la sociologie des continuités. **Labyrinthe**, 5, 2000.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

ELIAS, Norbert. **J'ai suivi mon propre chemin: un parcours dans le siècle**. Paris: Sociales Editions, 2016.

ELIAS, Norbert. La sociologie... quand elle est bien faite. Entretien, 1984-1985. **Actes de la recherche en sciences sociales**, v. 205, n°. 5, p. 16. Trad. Julien Duval e Sophie Noël. Disponível em : <<https://www.cairn.info/revue-actes-de-la-recherche-en-sciences-sociales-2014-5-page-4.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

ELIAS, Norbert. (1970). Interview met Norbert Elias door Johan Goudsblom. **Sociologische Gids**, vol. 17, n° 2, p. 137. Disponível em: <<https://ugp.rug.nl/sogi/article/view/21409/18880>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. In: **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. In: **Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

INVENTÁRIO de sonhos. **Inventário de sonhos**, 2020. Disponível em: <https://pt.surveymonkey.com/r/NVYNH5K> Acesso em 24 jun. 2021.

PONTALIS, Jean-Bertrand. **Entre o sonho e a dor**. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.



SOARES, Elza. **Do Cócix até o pescoço**. Bahia: Maianga Discos, 2002.

Recebido em: 14 de março de 2021.

Aceito em: 24 de março de 2021.

Publicado em: 30 de junho de 2021.

